

TRANSFORMAÇÕES E ÔNUS SOCIAL DO CAPITALISMO: BREVE OLHAR SOBRE AS CRISES ECONÔMICAS¹

Rodrigo Janoni Carvalho²

RESUMO

O presente trabalho visa realizar uma breve análise das crises do capitalismo nos últimos séculos, destacando-se a última, iniciada com a quebra do mercado imobiliário nos Estados Unidos (2008), a Grande Depressão (1929), a crise do petróleo (década de 1970) e as afetas às grandes navegações nos séculos XVII e XVIII. Procuramos realizar uma análise sobre os efeitos sociais desencadeados tais como nas recentes crises e as medidas adotadas no meio político em âmbito mundial. Apesar de ser um evento pouco trabalhado nas perspectivas de historiadores, tentamos analisar estes fatos, na medida do possível, com base nas recentes produções de diferentes áreas do conhecimento, como a economia, a geografia, a sociologia, dentre outras.

TRANSFORMATIONS AND SOCIAL ONUS OF CAPITALISM: A BRIEF LOOK INTO THE ECONOMIC CRISES

ABSTRACT

The present work aims to present a brief analysis of the crisis of capitalism in recent centuries, especially the last one, started with the collapse of the housing market (subprime crisis) in the United States of America (2008), the Great Depression (1929), the oil crisis (1970's) and others related to the great expeditions carried out in the seventeenth and eighteenth centuries. We tried to take into account, moreover, the social effects triggered by the recent crisis and the worldwide policy measures. Despite the minor attention the subject has received by historians, we seek to dialogue with recent productions of different areas of knowledge such as economics, geography, sociology and others.

Introdução

O presente trabalho visa realizar uma breve análise sobre as crises do capitalismo nos últimos séculos, com ênfase na última crise do sistema iniciada com a quebra do mercado imobiliário nos Estados Unidos no ano de

¹ Este artigo articula-se ao Relatório elaborado na disciplina de História Contemporânea II, do Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

² Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. E-mail: rudrigo7@gmail.com

2008 e na Grande Depressão, de 1929, que assolou o mundo no século passado. Podemos apontar outros momentos de tensão como a crise do petróleo que assolou a década de 1970 ou crises relacionadas com as grandes navegações no século XVII e XVIII.

O diálogo com a bibliografia, os artigos selecionados, reportagens e entrevistas, nos permitem fazer uma análise sobre os prováveis efeitos sociais que a crise atual desencadeia tais como nas relações no mundo do trabalho e as medidas adotadas no meio político em âmbito mundial. Apesar de ser um evento pouco trabalhado nas perspectivas de historiadores, tentamos analisar estes fatos, na medida do possível, com base nas recentes produções de diferentes áreas do conhecimento, como a economia, a geografia, a sociologia, dentre outras.

Breve histórico do sistema capitalista

As primeiras características do capitalismo aparecem desde os fins do medievo num processo de transferência do centro da vida econômica social e política do campo e ênfase no crescimento de cidades. Num primeiro momento, considerado pré-capitalista, podemos perceber alguns fatores que contribuíram para a formação do capitalismo. Neste período, basicamente compreendido entre os séculos XVI ao XVIII, encontra-se um acúmulo de riquezas gerado principalmente pelo comércio de especiarias e matérias-primas para além do solo europeu.

Um outro momento bastante característico da formação deste sistema econômico é o capitalismo industrial, pautado pela revolução industrial, com início por volta da segunda metade do século XVIII. O acúmulo de riquezas originárias do comércio de produtos industrializados e a enorme capacidade de transformação do ambiente são algumas características deste momento, onde há consideráveis avanços tecnológicos e multiplicação de lucros ainda maiores.

Nos fins do século XIX, podemos encontrar algumas características que delimitam um novo momento deste sistema, considerado como monopolista financeiro. Ocorre um crescimento acelerado da economia

capitalista e um forte processo de centralização de capitais pautado no surgimento de indústrias, bancos, casas comerciais e principalmente, uma acirrada concorrência. Como aponta John Hobson, é nessa estrutura do capitalismo moderno que a figura do financista se torna uma autoridade no sistema, onde em muitas situações pequenos grupos de financistas controlam os destinos financeiros, industriais e políticos de países sob seus interesses.

É nesse momento que as corporações ganham espaço e influência cada vez maiores. Situação essa que se torna mais complexa até os dias atuais e pode ser bastante perceptível na influência de grandes empresas e financistas. O filme documentário *The Corporation* ilustra bem esse cenário ao descrever o surgimento das corporações como pessoas jurídicas e que tipo de pessoas seriam do ponto de vista psicológico seus líderes, além de evidenciar alguns aspectos como a exploração de mão-de-obra ou a devastação do meio ambiente.

Seria simples recortar, por um critério arbitrário, as fases do capitalismo para explicar a constituição deste sistema econômico social. Devemos considerar que sua história representa um longo processo duração onde encontramos diversas experiências políticas, sociais e econômicas. Para além de pontuar alguns momentos característicos do capitalismo, precisamos olhar para seus momentos de crise que fazem parte do seu próprio crescimento.

O século XX e este início do XXI representam alguns momentos de transformações no desenvolvimento do capitalismo. Alguns autores consideram alguns marcos importantes. Entender as crises que o capitalismo viveu é fundamental para entender esses marcos e caracterizações do sistema. Podemos apontar três períodos marcantes na história do século passado.

Primeiramente, temos a era da guerra total, como denomina Eric Hobsbawm, e em seu período de entre-guerras, a crise de 1929, comumente conhecida como a Grande Depressão. Nesse momento de crise entre as duas grandes guerras mundiais, temos um abalo na lógica capitalista pela superprodução que resulta na depressão dos anos 1920 e 1930. A Segunda Guerra Mundial viria a “solucionar” os problemas desse momento.

Nesse sentido, no pós-guerra, em 1945, o capitalismo evidencia seu maior e melhor período de crescimento caracterizado como uma fase fordista-

keynesiana, ou ainda, como uma era de ouro, nas palavras de Hobsbawm. Esse seria um segundo momento que representou bons ares para o sistema.

Em seguida, na conflagração da conhecida crise do petróleo, que é considerado um marco nesse contexto, temos uma reformulação do sistema com base na fase de “acumulação flexível” diante de uma era de crise. O próprio petróleo, símbolo deste período de crise, é envolvido em diversas guerras.

Politicamente, o neoliberalismo adquire força, em termos de governo que o colocam em prática. Podemos citar Augusto Pinochet no Chile, Margaret Thatcher na Inglaterra e Ronald Reagan nos Estados Unidos, nas décadas de 1970 e 1980. Posteriormente, o modelo neoliberal abrange vários governos, como o brasileiro, na década de 1990.

Como aponta Alexandre Versignassi (2009), as crises acabam e voltam – o que acontece hoje é comum na história – pois a economia vive de ciclos, como as estações de ano. O século passado foi pautado em diversas crises para o capitalismo, onde se pautam os problemas da lógica capitalista de crescimento permanente. Contudo, percebemos novas formas de rearticulação das políticas econômicas e o louvado progresso tecnológico dão suporte para novas fronteiras.

Alguns imaginam que seja impossível um outro mundo fora do capitalismo. Outros pensam que poderá haver um fim. É complicado pensar em cenários futuros, ainda mais numa crise tão recente como a atual, pois somente lançando mão do tempo e de suas transformações que podemos pensar em novas formas de desenvolvimento, uma vez que, imortal ou não, o capitalismo se faz presente em nossas vidas, se reconfigurando numa velocidade ainda mais surpreendente.

Transformações capitalistas no século XX

Como apontamos anteriormente, o século passado viveu dois momentos históricos de crise, que são importantes no estudo do capitalismo. O primeiro deles, a Grande Depressão de 1929, foi uma crise econômica que

persistiu na década de 1930, terminando somente com o fim da Segunda Guerra. Foi considerado o pior período de recessão econômica, causando altas taxas de desemprego, queda de produto interno em diversos países, queda em produção industrial e de ações.

Ao fim da Primeira Guerra Mundial, os países europeus estavam devastados e economicamente enfraquecidos numa retração de consumo evidente. Os Estados Unidos em contrapartida, beneficiado com a guerra – como também durante a Segunda Guerra Mundial – aproveitaram o momento lucrando com exportações e se tornando o maior credor mundial, superando a posição que a Inglaterra ocupara durante tantos anos.

[...] as guerras foram visivelmente boas para os EUA. Sua taxa de crescimento nas duas guerras foi bastante extraordinária, quando aumentou mais ou menos 10% ao ano. Em ambas os EUA se beneficiaram do fato de estarem distantes da luta e serem o principal arsenal de seus aliados, e da capacidade de sua economia de organizar a expansão da produção de modo mais eficiente que qualquer outro (HOBBSAWM, 1995, p. 55).

O resultado dessa vantagem ao longo das guerras, num primeiro momento, entre 1918 e 1928, colocou a produção norte-americana em prosperidade caracterizando o chamado “american way of life”, onde era perceptível bons níveis de qualidade de vida como geração de empregos, queda de preços, aumento de produção da agricultura, consumo intensivo, expansão de crédito e parcelamento de pagamentos.

Todavia, com a recuperação, de modo geral, das economias européias, estes países passaram a importar cada vez menos dos Estados Unidos, constituindo uma retração de consumo, uma vez que as indústrias norte-americanas não vendiam como antes. Logo, tinham-se mais mercadorias do que consumidores, levando a queda de preços e da produção, concomitantemente ao aumento de desemprego. Essa retração geral na paralisação do comércio e indústria dos EUA gerou a queda de ações no mercado acionário, caracterizando a crise pela superprodução.

Essa situação perdurou até 1933 sendo minimizada pelos efeitos do New Deal, encabeçado por Keynes, ao lado de vários programas de ajuda social. Até aquele momento, a economia norte-americana estava em colapso e afetou outros países em escala global. Milhares de estabelecimentos

financeiros, comerciais e industriais foram fechados, e muitos trabalhadores demitidos. Em outros locais, a depressão – ao lado das enormes imposições do Tratado de Versalhes – contribuiu com o discurso de partidos de extrema-direita, levando a ascensão nazista na Alemanha. A Segunda Guerra Mundial viria como “solução” para os envolvidos com os efeitos dessa crise que abalou o mundo.

O resultado posterior a grande guerra, pelo menos para os países liberais ocidentais, foi a denominada “era de ouro”, caracterizando um período de prosperidade único na história do capitalismo. Esse período, também conhecido como fordista-keynesiano, diante da estética do modernismo, fortalece a organização fordista do trabalho, por sua funcionalidade e eficiência.

A elevação do padrão de vida e a tecnologia que modifica hábitos são grandes componentes daquele tão visado “american way of life”. Além disso, são perceptíveis os ganhos reais de salários. Esse período realça a forte intervenção estatal, onde o Estado assume obrigações como o controle das políticas fiscais e monetárias. E, também, determina prioridades de investimentos em transportes, indústrias de base, dentre outras, além de investir maciçamente em seguridade social, educação, habitação e saúde.

Com o crescimento da produção e do consumo há uma ampliação dos fluxos de comércio internacional e dos investimentos, onde os Estados Unidos assumem uma posição hegemônica, sendo o grande banqueiro do mundo e chegando às partes mais extremas com os braços das suas corporações. Nesse período, os benefícios atingiram grande número das pessoas e estados de forma desigual.

A exclusão permanece e os serviços públicos de má qualidade também. Percebemos a extensão das periferias nas cidades e os fluxos migratórios contínuos. E ainda, destruição de culturas locais visíveis na expressão dos movimentos sociais. Todo esse cenário é bastante comum nos países que formavam o chamado Terceiro Mundo. Nesse sentido, é latente a incapacidade do capitalismo de conter as suas contradições.

Este período de crescimento do capitalismo iniciado no pós-guerra, em 1945, sofriram abalos antes mesmo de 1973 e se finaliza com a chamada crise do petróleo. Para alguns autores, como David Harvey, esse momento histórico é caracterizado como uma fase de acumulação flexível diante de uma

era de incertezas e crises. Alguns consideram como a pós-modernidade capitalista. A pontuada crise do petróleo foi provocada pelo embargo dos países membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo, a OPEP, na distribuição de petróleo para os EUA e países europeus.

Naquele contexto havia um déficit de oferta, com o início de nacionalizações e uma série de conflitos envolvendo os grandes produtores árabes de petróleo. Os preços do barril atingiram valores altíssimos chegando a aumentar até 400% em poucos meses, provocando uma grande recessão nos Estados Unidos e na Europa, desestabilizando a economia em todo o mundo.

Num primeiro momento, ainda em 1956, o presidente do Egito nacionaliza o canal de Suez, antiga propriedade de empresa de origens inglesa e francesa, provocando uma crise, devido à importância do canal para a passagem de exportações da região para países ocidentais, o que bloqueou o abastecimento para os diversos países, provocando acentuado aumento do preço do petróleo. Em seguida, na conhecida crise do petróleo, de 1973, alguns países árabes aumentaram consideravelmente o preço do barril deste produto – em forma de protesto ao apoio norte-americano ao Estado de Israel.

Nesse momento ocorre a crise política do Irã, em seqüência a revolução iraniana e a guerra entre Irã e Iraque, onde estes países diminuem suas produções e há uma desorganização do setor. Em 1991, num momento posterior, na Guerra do Golfo, o Iraque invade o Kuwait, grande produtor de petróleo, ocasionando uma contra-ofensiva apoiada pelos Estados Unidos. Os iraquianos incendiaram alguns poços petroleiros provocando uma crise econômica com impactos ambientais. E, por fim, recentemente, em 2008, os preços do petróleo subiram em virtude de movimentos especulativos globais.

A quadruplicação dos preços do petróleo exigiu ajustes macroeconômicos em todos os países industrializados. O período de acumulação flexível é pautado por essa crise, com foco a partir do ano de 1973, sendo este momento um marco nas análises sobre as transformações capitalistas. Esse momento é permeado por mudanças tecnológicas, pela automação e constituição de novas linhas de produção. Há uma flexibilidade dos processos de trabalho e dos padrões de consumo (LIMA, 2007, p. 64).

O acesso à informação é uma mudança vital, em que há alterações das noções de tempo e espaço, como também, uma maior pressão sobre a força de trabalho. Surgem níveis altos de desemprego, ganhos modestos para salários e trabalhos parciais (sub-contratos, trabalhos domésticos e familiares) como alternativas. Por outro lado, o setor de serviços aumenta sua empregabilidade.

A acumulação flexível é caracterizada por uma maior rapidez no giro da produção e do consumo. Ocorre uma reorganização do sistema econômico sob a tutela do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial. Percebem-se mudanças na estrutura de poder, onde os Estados Unidos se tornam mais dependentes do comércio exterior com o crescimento do poder financeiro japonês e a capacidade de produção chinesa.

A crise de 2008

Para os teóricos da contemporaneidade, a crise financeira atual não é 'nova' e nem significa o começo do fim do capitalismo. A sua abrangência, assim como das crises apontadas anteriormente, é global, uma vez que não há mais fronteiras econômicas. Sempre que há ameaças à continuidade da prosperidade ouve-se que o capitalismo está em crise. Porém, as crises são inerentes ao sistema e o renovam cada vez que se evidenciam.

A crise atual se iniciou com a queda de valores de imóveis nos EUA, apesar das interferências governamentais no sentido contrário. Os financiadores que contavam com uma valorização destes imóveis aumentaram suas taxas de empréstimos. E este acréscimo das taxas levou a um aumento da inadimplência, onde mais imóveis são retomados para saldar dívidas. Quando são colocados no mercado, estes imóveis contribuem para baixar os preços.

Quando o mercado percebeu a bolha existente, o ciclo passou a se acelerar, com mais desvalorização dos imóveis, aumento de taxas de juros e mais devedores inadimplentes levados à execução de dívidas. No princípio, essa crise que atualmente assola os principais mercados mundiais, era

encarada como apenas um problema de inadimplência naquele setor específico estadunidense, sendo caracterizada como a “crise do subprime”.

Na segunda metade de 2008, uma série de notícias negativas derrubou as principais bolsas de valores do mundo. O tesouro norte-americano assumiu o controle de companhias do setor hipotecário (Fannie Mae e Freddie Mac), e o quarto maior banco dos EUA, Lehman Brothers, pediu concordata. A American International Group, AIG, solicitou ajuda monetária na cifra de US\$ 40 bilhões de dólares.

A chamada crise do subprime ganhou grande destaque se transformando numa crise de ordem financeira internacional. Assim, derrubaram-se os arranjos sobre os quais as modernas políticas desenvolvimentistas se sustentavam. A crise levou a uma intervenção mais incisiva dos aparelhos estatais sobre a dinâmica econômica, onde os Estados procuram zelar por sua soberania quanto à elaboração de políticas que asseguram emprego e renda objetivando consumo e investimento, como também, defenderam as estruturas produtivas.

Esta crise provocada pelo problema começado no mercado imobiliário se infiltrou no sistema financeiro, espalhando-se para vários setores da economia. A crise e o risco levaram o governo americano a propor pacotes bilionários para ajudar os bancos e empresas indústrias com balanços comprometidos. O mercado de trabalho sofreu uma grande contração no aumento das taxas de desemprego nos Estados Unidos. O número de desempregados naquele país no ano passado chegou a 2,6 milhões (10% da PEA), maior desde o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945 (FOLHA, 2009).

Neste cenário de crise surgem conflitos urbanos. Segundo Harvey, este conflitos são decorrências da crise na acumulação de capital. Nos momentos de crise, o capitalismo se reconfigura. Para o geógrafo, o mercado deveria ser regulado por algum órgão internacional como o FMI e não deixá-lo se auto-regular. Os Estados Unidos deveriam ser monitorados, uma vez que agem livres de qualquer controle para além das leis de mercado (HARVEY, 2009, p. 6-7), pois podem emitir moeda sem lastro.

Nesse sentido, a crise deve ser encarada como um fenômeno urbano, do ponto de vista de Harvey. A crise hipotecária deveria ser discutida

como base de um super-aquecimento do mercado imobiliário americano desde os anos 2000. O consumidor americano teve seu orçamento arrojado e o fornecimento de crédito foi aumentado, assim, as pessoas não saudavam suas dívidas e continuavam gastando. Nessa dinâmica, o capital financeiro pode atuar no cenário urbano fornecendo moradias e estimulando demanda por estas.

No Brasil, os efeitos não foram imediatos na crise internacional, devido à regulação bancária mais rígida que nos países desenvolvidos. Desse modo, o país não foi contaminado pelos títulos podres do sistema hipotecário americano e manteve patamares de crédito e liquidez aceitáveis. No entanto, atingindo a esfera real da economia, grande parte dos setores do aparato produtivo nacional demonstram vulnerabilidade frente à crise que se deflagrava. As grandes evidências disso são os níveis recordes de demissões observados no início de 2009 como resultado de uma enorme queda de atividade industrial.

O ônus social do capitalismo

A respeito da crise atual, muitos são os jornais, revistas e tantos outros meios de comunicação que deflagram uma série de dados relativos à queda da bolsa, ao risco país, às perdas dos diversos setores da economia e as incríveis crescentes taxas de desemprego. O pesquisador, ou as pessoas que se dedicam a estudar os impactos que esses dados causam na vida das pessoas, frente a essa avalanche de informações, tem a nítida sensação de que faltam pessoas nessas estatísticas.

Nessa perspectiva, falta analisar como a situação das pessoas que se envolvem direta ou indiretamente com as crises capitalistas têm suas vidas e suas perspectivas transformadas, como seus sonhos, anseios e desejos podem ser afetados pelas perdas astronômicas de uma grande montadora ou de um grande banco.

No estado de Minas Gerais, cidades que se dedicam inteiramente às atividades mineradoras sofrem grande impacto com a perda de arrecadação proveniente, em última análise, da crise mundial. Imagine o impacto da paralisação de uma siderúrgica ou de uma mineradora numa cidade que vive

basicamente desta atividade. Quantas pessoas estariam deste modo desempregadas? Quantos pais de família não teriam condições de alimentar seus filhos e sustentar suas casas? Socialmente o impacto é profundo.

O cinema americano é prolixo no que concerne à produção de filmes que retratam a crise de 1929 e seus amplos impactos na vida cotidiana. Nestes filmes, percebemos claramente um grande empobrecimento da população, fome, miséria e violência. No filme *A Luta Pela Esperança*, de Ron Howard, de 2005, o diretor traça muito bem o cenário que se instalou nos Estados Unidos na época da grande depressão, mostrando os inúmeros padecimentos dos mais diversos setores da sociedade frente ao desemprego e as mazelas dele decorrente.

No Brasil, segundo o IBGE, a taxa de desemprego no Brasil saltou de 8,5 para 9,0 no mês de março (BRASIL, 2009), nos Estados Unidos 651 mil postos de trabalho foram fechados em fevereiro (UNITED STATES, DOL, 2009), e a Espanha já possui uma das maiores taxas de desemprego do mundo, sendo a maior da Europa. (ATUALIZAR ESSES DADOS)

Temos sempre que ter em mente que quando falamos de taxa de desemprego falamos de pessoas, de expectativas e de sonhos. São pessoas reais, são nossos vizinhos e nós mesmos, não só perdas financeiras estimadas em 4 trilhões de dólares conforme o FMI.³ A importância de se pensar no ônus social que tudo isso implica é vital, isto é, nos mais diversos impactos causados no campo social.

Um olhar sobre as crises

Como observa Alexandre Versignassi, a crise que estamos vivenciando vai acabar. E voltar. O autor cita um exemplo de situação semelhante vivenciado a mais de 300 anos, na Inglaterra. De uma hora para outra, a crise surgiu. A bolsa de valores despencou e o dinheiro ficou raro. Os empréstimos sumiram e todos começaram a gastar menos. Não havia créditos nem clientes e várias companhias fecharam, principalmente as de navegação.

³ Cálculo estimado da crise mundial, publicado em notícia pela BBC em 21/09/2009. Disponível em: <www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/04/090421_fmirelatorio2_bg_ac.shtml>. Acesso em: 19/01/2010.

Naquele contexto, o governo precisou agir para evitar o colapso completo e apontou os grandes culpados para a crise: a ganância dos homens que tinham transformado a economia em crise. Tudo isso ocorreu em 1697. O governo britânico interviu e colocou rédeas no mercado financeiro após o estouro de uma bolha de crescimento econômico que deu lugar a maior crise até aquele período.

Esse cenário traz semelhanças como o mundo de agora: a nossa crise não tem nada de nova nem significa o começo do fim do capitalismo. Ela é maior e hoje não existem mais barreiras econômicas. Para Versignassi, há basicamente quatro passos que se repetem em todas as crises da história do capitalismo:

- 1- Novas oportunidades de investimento (Internet, imóveis, etc.) criam chances de lucros cada vez maiores no mercado financeiro;
- 2- Quanto mais lucro se espera, mais as ações sobem. Investidores novos entram no negócio;
- 3- Companhias novas lançam ações para aproveitar a euforia. Pessoas e empresas fazem fortunas da noite para o dia. O crédito fica fácil;
- 4- As expectativas de lucro não viram realidade. Investidores fogem. Bancos tomam calote. O crédito some, a economia trava. E vem a crise (VERSIGNASSI, 2009, p. 25-26).

Apesar dos impactos dessa crise citada pelo autor, no século XVII, a mesma serviu para construir o mundo, em que graças aos “cassino” de ações, inventou-se o comércio global. Depois vieram dezenas de crises, como bem pontuamos anteriormente, algumas nas transformações do século XX. De crise em crise, o capitalismo se revitaliza e se modifica para se adaptar a uma nova realidade.

Frederico Mazzucchelli (2008) faz uma interessante análise em perspectiva entre alguns componentes da crise de 1929 e a crise atual. Num contexto de intensas incertezas que vivemos atualmente é inevitável esses tipos de comparações com a experiência dramática da Grande Depressão. Essas comparações se reforçam na medida que podemos observar uma profundidade da crise que assola parte significativa do sistema financeiro global. E também é perceptível os impactos dessa profundidade sobre a produção, os investimentos, os empregos, de modo geral, a situação econômico-social das pessoas.

Primeiramente, o peso da riqueza das operações financeiras e a interligação dos vários segmentos dos mercados mundiais são hoje infinitamente maiores do que no final da década de 1920. Estamos diante de um processo monumental de desvalorização de ativos superior àquele período. Por outro lado, a intervenção dos governos neste processo de crise atual foi mais ampla e imediata, principalmente pela concessão de capitais para empresas quebradas ou pela estatização destas.

O fato é que tudo isto ocorre depois desta fase tão longa, sem paralelo na história do capitalismo, de 50 anos de acumulação ininterrupta (salvo uma pequeníssima ruptura em 1974/75) assim como também tudo o que os círculos capitalistas dirigentes, e em particular os bancos centrais, aprenderam da crise de 29, tudo isso faz com que a crise avance de maneira bastante lenta (CHESNAIS, 2009).

Mazzucchelli considera essa ação dos governos como tipicamente keynesiana, logo baseado na busca do controle do circuito de crédito-gasto-renda; os líderes dos países buscam intervir na economia tentando manter a liquidez. Esse cenário de intervenção era impensável em 1929. Em contrapartida, há uma semelhança interessante nestes dois processos de crise que são: a fragilidade da regulação e o relaxamento da percepção de riscos.

Na Grande Depressão, as respostas para a crise foram primeiramente desastrosas e geraram problemas de propagação de quebras, contração da produção e explosão do desemprego. Nesse cenário caótico, os governos norte-americano e alemão, pautados na disciplina, conseguiram retirar seus países da situação de colapso com a regulação rígida do sistema financeiro.

Roosevelt, nos Estados Unidos, promoveu o saneamento do setor bancário e estabeleceu uma regulamentação do sistema financeiro. Abandonou o padrão-ouro e o dólar entrou em progressiva trajetória de queda. Todavia, os juros estavam libertos do câmbio fixo e a expansão do crédito bancário poderia irrigar a economia e estimular a alta dos preços. Na Alemanha, Hitler converteu o sistema financeiro alemão em um braço do Reichbank. Impôs controle absoluto nas transações de moedas estrangeiras e pôde dar um oxigênio para a economia.

Em ambos os casos, a disciplina sobre as finanças privadas foi fundamental para a saída dos escombros da profunda depressão. Nesse sentido, para hoje é necessário uma imperiosa necessidade de reintrodução de padrões mais rígidos para disciplinar o funcionamento do sistema financeiro em todo mundo visando à estabilidade mínima das economias capitalistas. Mazzucchelli aponta uma diferença significativa entre os dois momentos históricos que não pode ser desconsiderada.

No início dos anos 1930, a proporção da população economicamente ativa empregada nas atividades agrícolas e extrativas era próxima a um quarto nos Estados Unidos, e a um terço na Alemanha. Com a Depressão, dada a maior sensibilidade dos preços agrícolas às variações da demanda, a renda real da população empregada no campo despencou. [...] parcela relevante dos recursos públicos administrados pelo New Deal e pelos nazistas foi direcionada exatamente para a reversão do quadro devastador que se abateu sobre a agricultura. Hoje, esta questão nem se quer é colocada: nem a proporção da população empregada no campo é relevante, nem a participação da agricultura na criação de renda tem uma expressão econômica digna de maiores preocupações. É provável, entretanto, que o mercado imobiliário de hoje seja a agricultura de ontem: a dimensão da crise dos ativos relacionados às hipotecas de alto risco (subprime) ainda não é mensurável (MAZZUCHELLI, 2008. p. 65).

Dessa forma, é possível que a intervenção estatal seja tão intensa quanto o foi para retirar a agricultura da depressão nos anos 1930. Não é previsível para a crise atual um desdobramento parecido com a Grande Depressão. Para o autor, a intervenção tem evitado maiores desastres. Mazzucchelli afirma que a crise atual é uma derrota fragorosa do liberalismo iludido pela regulação dos mercados, onde a euforia das finanças desregulamentadas culminou neste estágio.

Considerações finais

A elaboração de um trabalho nesta temática que abarca as mais variadas áreas do conhecimento humano propicia a possibilidade do contato com discursos de diversas naturezas. Assim como o acesso a inúmeras formas de pensar e conceber o mundo. Uma idéia forte nestas análises é de que as crises capitalistas são cíclicas e funcionais dentro do sistema. Dessa forma, as

crises agem no sentido de reestruturar e reformular o sistema, ainda que para isso use de elementos que em tempos passados foram considerados obsoletos.

Isto é, em determinados momentos à recorrência ao Estado e sua intervenção se tornam necessárias. Este tipo de atuação tão criticada se refortaleceu, uma vez que o paradigma do livre-mercado deu sinais de limites nos últimos anos. Neste momento recente de crise se fala na volta de práticas intervencionistas. A estatização de bancos e injeção de capital são os grandes exemplos. Em linhas gerais, procuramos exaltar neste trabalho o impacto das crises em torno do sistema capitalista e na vida cotidiana das pessoas. Para tanto, é necessário compreender as expectativas e anseios envolvidos nos discursos que interpretam as crises, o lugar social dos autores em pauta, assim como o quanto os indivíduos são afetados em momentos de crise ou recessão.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Carlos B. de Oliveira. **Processos de industrialização: do capitalismo originário ao atrasado**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. São Paulo: UNESP, 1996.

BEAUD, Michel. **História do capitalismo de 1500 até os nossos dias**. Tradução de Maria Ermantina Pereira. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BEINSTEIN, Jorge. A crise na era senil do capitalismo. Esperando, inutilmente, o quinto Kondratieff. In: **Carta Maior**, 18/02/2009.

CHESNAIS, François. O capitalismo tentou romper seus limites históricos e criou um novo 1929, ou pior. In: **Carta Maior**, 09/10/2009.

DUPAS, Gilberto. O futuro do trabalho. In: **Jornal Estado de São Paulo**, 20/10/07 e 17/11/07.

HARVEY, David. Wall Street e o direito a cidade. In: **Le Monde Diplomatic**, São Paulo, nº 20, p 6- 7, março 2009.

HOBBSAWM, Eric. Além de injusto, o mercado absoluto é inviável. In: **Carta Maior**. Tradução Katarina Peixoto. SP, Março. 2009.

_____. **Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991).**

Tradução de Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSON, John. **A evolução do capitalismo moderno:** um estudo da produção mecanizada. Apresentação de Maria da Conceição Tavares. Tradução de Benedicto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

JUDT, Tony. Crise econômica abala crença no modelo ocidental. In: **Folha de São Paulo**, 02/03/09.

LIMA, Marcos Costa. Os condicionantes internacionais na crise brasileira. In: ARAÚJO, Rita de Cássia e BARRETO, Túlio Velho (Orgs.). **1964: o Golpe passado a limpo.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2007.

MAZZUCHELLI, F. A crise em perspectiva: 1929 e 2008. In: **Novos Estudos.** São Paulo, 2008, pp. 57-66.

NAKANO, Kassuo. ROLNIK, Raquel. As Armadilhas do Pacote Habitacional. In: **Le Monde Diplomatic**, São Paulo, nº20, p 4 – 5, março 2009.

OFFE, Claus. **Capitalismo desorganizado: transformações contemporâneas do trabalho e da política.** Tradução de Wanda Caldeira Brant. São Paulo: Brasiliense, 1994.

POLANYI, Karl. **A grande transformação: as origens da nossa época.** Rio de Janeiro: Campus, 1980.

SADER, Emir. Onde estamos? In: **A vingança da História.** São Paulo: Perdizes, 2003, pp. 63-77.

VERSIGNASSI, Alexandre. A crise vai acabar. E voltar. In: **Revista Superinteressante**, Abril 2009, pp. 25-26.

Filmografia

A LUTA PELA ESPERANÇA. Direção de Ron Howard. Distribuição: Universal Pictures, 2005, 144 min., son., color.

ROBOTS. Direção: Chris Wedge. Distribuição: 20th Century Fox Film Corp., 2005, 90 min, son., color.

THE CORPORATION. Direção: Mark Achbar e Jennifer Abbott. Distribuição: Zeitgeist Films e Imagem Filmes, 2004, 145 min, son., color.

Websites

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Taxa de desemprego**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acessado em: 04/05/2009.

FOLHA Online – Dinheiro – **Entenda a evolução da crise que atinge a economia dos EUA** – 03/02/2009. Disponível em: <<http://www1.com.br/folha/dinheiro/ult91u498060.shtml>>. Acessado em 03/05/2009.

FOLHA Online – Dinheiro – **Veja os principais fatos ocorridos na economia em 2008** - 29/12/2008. Disponível: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u481671.shtml>> - Acessado em 03/05/2009.

HARVEY, David. **O neoliberalismo não acabou**. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=15895>. Acessado em: 03/05/2009.

HOBBSAWM, Eric. **Além de injusto, o mercado absoluto é inviável**. Disponível em: <http://www.esquerda.net/index.php?option=com_content&task=view&id=11366&Itemid=26>. Acessado em: 03/05/2009.

LAPAVITSAS, Costas. **Crise econômica: um novo 1929 ou o novo Japão?** Disponível em: <<http://blog.controversia.com.br/2008/10/09/crise-economica-um-novo-1929-ou-o-novo-japao>>. Acessado em: 03/05/2009.

PEREIRA, Ricardo. **Crash de 1929, o New Deal e a crise de crédito de 2008**. Disponível em: <<http://dinheirama.com/blog/2008/10/17/crash-de-1929-o-new-deal-e-a-crise-de-credito-de-2008/>>. Acessado em: 03/05/2009.

RIZVI, Haider. **Bancos recebem ajuda de US\$ 4 trilhões. E o resto do planeta?** Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=15401>. Acessado em 03/05/2009.

UNITED STATES, DOL (Department of Labor). **Unemployment rate**. Disponível em: <www.dol.gov>. Acessado em: 07/04/2009.